

SONHO, ESPERANÇA E UTOPIA: CONFIGURAÇÕES NO UNIVERSO DO DIÁLOGO¹

MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO

RESUMO

Problematizando a autolesão, a ideação suicida e mesmo o suicídio em jovens e crianças, este ensaio aborda a esperança, o sonho e a utopia enquanto configurações do diálogo no campo da educação, ainda que ameaçado pelo excesso produtivista, pela coisificação do outro, pela objetivação, liquidez das relações e aceleração da vida. A partir do legado de Paulo Freire em sua vertente fenomenológica, tece-se costuras com algumas contribuições advindas das obras de Afonso Henrique Lisboa da Fonseca e de Hans-Georg Gadamer. Este ensaio parte do pressuposto de que é o diálogo que possibilita a criação e a passagem entre o sonhar, a esperança e a utopia. Ao ser incapaz de sonhar, perde-se a esperança e abandona-se as utopias e isso é perigoso à condição ontológica enquanto dialógica. O presente ensaio é “desvela-dor” à medida que aponta para a potência do sonho, da esperança e da utopia, que se dão via o diálogo.

Palavras chaves: Sonho, esperança, utopia.

DREAM, HOPE AND UTOPIA: SETTINGS IN THE DIALOG UNIVERSE

ABSTRACT

Problematizing self-injury, suicidal ideation and even suicide in young people and children, this essay addresses hope, dream and utopia as configurations of dialogue in the field of education, even if threatened by productivist excess, by the objectification of the other, by objectification, liquidity of relationships and acceleration of life. From the legacy of Paulo Freire in its phenomenological aspect, seams are woven with some contributions arising from the works of Afonso Henrique Lisboa da Fonseca and Hans-Georg Gadamer. This essay assumes that it is the dialogue that enables the creation and passage between dreaming, hope and utopia. By being incapable of dreaming, hope is lost and utopias are abandoned and this is dangerous to the ontological condition as a dialogic one. This essay is “unveiling” as it points to the potency of dream, hope and utopia, which occur via dialogue.

Keywords: Dream, hope, utopia.

¹ Este ensaio, ainda em sua forma embrionária, surge a partir de um convite para participar de uma *live* no programa “Chame Gente”, de Gilmar Santos (professor e vereador do município de Petrolina – PE). Foi um evento em homenagem a Paulo Freire (“100 anos de Paulo Freire: esperanças em tempos de barbárie”) e teve como convidados, além da minha pessoa, os professores Josemar Pinzoh (Unep) e José Silva (Coordenador do Fórum EJA Pernambuco).

Gostaria de deixar registrado meus agradecimentos aos colegas Adelson Silva da Costa e Luciano Júnior pelas sugestões e revisões feitas no ensaio, sobretudo no que diz respeito as coerências conceituais dos autores aqui abordados.

SUEÑO, ESPERANZA Y UTOPIA: CONFIGURACIÓN EN EL UNIVERSO DE DIÁLOGO

RESUMEN

Problematizando la autolesión, la ideación suicida e incluso el suicidio en jóvenes y niños, este ensayo aborda la esperanza, el sueño y la utopía como configuraciones de diálogo en el campo de la educación, aunque amenazadas por el exceso productivista, por la objetivación del otro, por la objetivación, liquidez de las relaciones y aceleración de la vida. A partir del legado de Paulo Freire en su vertiente fenomenológica, se tejen costuras con algunas aportaciones derivadas de las obras de Afonso Henrique Lisboa da Fonseca y Hans-Georg Gadamer. Este ensayo asume que es el diálogo el que posibilita la creación y el paso entre el sueño, la esperanza y la utopía. Al ser incapaz de soñar, se pierde la esperanza y se abandonan las utopías y esto es peligroso para la condición ontológica como dialógica. Este ensayo es "revelador", ya que apunta a la potencia del sueño, la esperanza y la utopía, que ocurren a través del diálogo.

Palabras clave: Sueño, esperanza, utopía.

INTRODUÇÃO

As sabedorias do senso comum precisam ser levadas a sério, principalmente em relação a necessidade de compreendermos seus desvelamentos. Quando se diz que as crianças representam o futuro da humanidade há muito mais coisas a serem apreendidas do que a simples questão de uma herança geracional. Há que se notar realmente o legado para o futuro da humanidade, mas ao mesmo tempo considerar o cuidado que se deve ter em seu sentido mais profundo.

Como professor, pesquisador e psicólogo, tenho atuado em diversos contextos escolares, estando próximo aos professores, pais, crianças e adolescentes. É impressionante as manifestações generalizadas de crianças e adolescentes que vivenciam autolesão sem intenção de se matar e mesmo àquelas que explicitam tal vontade ou chegam ao ato final. Em inúmeras oportunidades tenho testemunhado que por trás desses fenômenos, seres humanos, independentemente da idade, se mostram carentes do outro, do contato, portanto, do diálogo.

Sem adentrar nas discussões que distinguem esses fenômenos, e também não restringindo ao universo das crianças e adolescentes, quero chamar atenção para uma possível condição humana que tem a ver com a falta de sentido para vida, ou melhor, um sentido fraco, definhado e vazio, circunscrito, talvez, a uma existência marcada por violências que poderiam ser evitadas e ainda por inautenticidades do ser, o que contribui para aquilo que Paulo Freire chamava de “ser menos”, em oposição ao “ser mais”².

Trata-se de uma condição humana, uma vida, portanto, que não há sonho, uma vida fatalista, uma vida sem esperança (ainda que arriscada), uma vida sem horizontes e sem utopias. E quando jovens e crianças anunciam tudo isso, sobretudo marcando seus corpos

² Trata-se de um importante conceito freireano e que faz referência a vocação ontológica no que diz respeito ao inacabamento do ser humano e como desdobramento, a sua atualização.

e querendo tirar suas vidas há algo de muito “revel-a-dor”. Há aí um decaimento da esperança, do sonho e da utopia.

Revela-se uma existência definhada e vazia por que parece faltar ao humano a qualidade de estar com o outro? Essa falta de contato, o sentido fraco de vida, aquilo que produz o “ser menos” tem a ver com a ausência de diálogo como possibilidade de revigorar a produção de sentidos e significado em relação a existência? O diálogo eleva a pessoa e a retira do fatalismo? A passagem do sonhar para o esperar e, finalmente, para o sentido alegre da utopia é uma configuração do universo do diálogo?

Este ensaio visa abordar, digamos, coisas do invisível e elementos do inefável, mas que, de alguma forma, são aqui considerados essenciais para a vida em sua manifestação mais concreta e mesmo objetiva. O sonho, a esperança e a utopia, enquanto configurações do diálogo, parecem ser mais importantes do que nunca, considerando o momento que a humanidade atravessa, marcas de excesso produtivista, da coisificação do outro, da objetivação e da liquidez das relações, e ainda pela aceleração da vida (BAUMAN, 1997, 2001, 2004; HAN, 2015, HOBBSAWM, 1995). Essas e outras “marcas” conspiram para experiências fatalistas diante da vida, ou ainda para a produção de almas ressentidas ou até mesmo para ovacionar a violência como derradeiro grito humano (RIBEIRO, 2014).

Iremos, pois, neste ensaio, abordar, em seus enredamentos, alguns aspectos sobre o sonho, a esperança e a utopia fazendo face a essa experiência de esvaziamento da existência, a esse fatalismo diante da vida. A partir do legado de Paulo Freire, nosso fio condutor, sobretudo tomando como inspiração sua vertente fenomenológica (FREITAS, FREITAS, 2014; GIOVEDI, 2006; LOURENÇO, MENDONÇA, 2018; TADDEI, SANTOS, 2018; VOLPATO, 2011), teceremos ainda costuras com algumas contribuições advindas das obras de Afonso Henrique Lisboa da Fonseca³ e do sentido de diálogo em Hans-Georg Gadamer (IARED, TULLIO, OLIVEIRA, 2012; SANTOS, 2014; COSTA, MARQUES, DIAS, PORTELA, 2021) justamente para compor suas articulações e como se depreendem. Nosso pressuposto se sustenta na compreensão de que é o diálogo que possibilita a criação e a passagem entre o sonhar, a esperança e a utopia.

A articulação desses três pensadores se justifica em seu eixo comum marcado pelo diálogo, com notório cariz fenomenológico. Assumidamente, justifica-se pela afinidade do autor deste ensaio que, ao longo dos anos, vem dialogando e aprendendo com eles.

Em Paulo Freire, o diálogo é princípio ético e caminho pedagógico à medida que se impõe como necessidade de conhecer o outro em seu contexto, desdobrando-se numa relação de mútuo respeito e ensino-aprendizagem. Em Afonso Fonseca, marcado por influência da filosofia de Nietzsche, mas sobretudo pela filosofia do diálogo de Martin Buber⁴, a relação Eu – Tu é a relação dialógica porque não se dá via a coisificação ou instrumentalização do outro, mas antes pela “presença do estar com”. Por fim, em Hans Georg Gadamer, o diálogo seria o princípio mesmo da sua Filosofia Hermenêutica como

³ Afonso Henrique Lisboa da Fonseca foi um psicólogo humanista, especificamente trabalhando com as abordagens rogeriana e a abordagem gestáltica. Desenvolveu uma proposta singular na chamada corrente humanista da Psicologia, que já ao final de sua vida estava sendo intitulada Abordagem Fenomenológica Gestaltificativa. A grande parte do acervo de Afonso Henrique pode ser encontrada gratuitamente no seguinte endereço: <https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia>

⁴ Martin Buber foi um filósofo judeu-austriaco e desenvolveu sua obra conhecida como Filosofia do Diálogo.

possibilidade de compreensão. A compreensão nasce do diálogo e só compreendemos no e pelo diálogo.

A seguir, os nossos enredamentos acerca do sonho, da esperança e da utopia.

O SONHO

O humano é também da dimensão onírica. Ele é constituído de carne, de osso, de sangue, mas também se faz de sonho. E aqui o sentido de sonho não se restringe ao sonho propriamente dito quando estamos dormindo, mas também toda a atividade imaginativa, criativa, desejante, além das zonas de fantasia e do acreditar, do projetar, da esperança e da utopia.

Poderíamos inclusive dizer que essa dimensão onírica é condição inexorável do ser humano, ao ponto tal que, quando alguém deixa de sonhar perde o encanto da vida, se define, adoce e no limite morre. A dimensão do sonhar é tão fundamental que, na sua falta, ficamos vulneráveis e sujeitos aos sortilégios do pessimismo, da resignação e do fatalismo. Sobre este último, já dizia um dos mais importantes psicólogos humanistas do Brasil, Afonso Henrique Lisboa da Fonseca: “fatal mesmo é acreditar no fatalismo”. Na verdade, Fonseca (1998) faz referência ao pensamento de Martin Buber, em particular a obra *Eu e Tu* e que vale a pena a citação do trecho:

A única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade, pois esta crença impede o movimento da conversão. A crença na fatalidade é falsa desde o princípio. Todo esquema do decurso consiste somente em ordenar como história o nada-mais-senão-passado, os acontecimentos isolados do mundo, a objetividade. (BUBER, 2009, p. 76 – 77).

É possível afirmar, na esteira do pensamento de Afonso Fonseca, que sonhar é da ordem do dialógico, da relação Eu-Tu, sobretudo naquilo que explicitou Martin Buber, uma vez que é constitutivo do ser humano, ou seja, ontológico. A relação, ainda que relação consigo mesmo, é ação que se manifesta pela vivência de possibilidades, no movimento do ser que é atualizado no devir do ser.

A entrega a fatalidade, pois, interrompe o fluxo da temporalidade, que se constitui de passado, presente e futuro, de modo tal que a história se reduz a uma repetição do passado. Nesse caso, a repetição do passado, ou mais precisamente a crença na repetição, não é portadora de ressignificações, comum aos ritos. Esse fatalismo vem como carga, fardo e peso perante a vida, como algo que oprime o humano, uma violência crônica, inclusive esgarçando a própria história, porque reduzido aos acontecimentos isolados, uma vez que as conexões que dão sentidos de ligação, inclusive com o presente e futuro, estão roídos. O fatalismo envenena a capacidade de sonhar, conseqüentemente a esperança e a utopia.

Importante observar que o sonhar, ainda que constituidor do ser humano, não se reduz a uma experiência individualizada. A própria condição de sonhar é possibilitada pela linguagem, pela cultura e pela história que articulam e vinculam experiências de outrens e mesmo experiências e saberes de coletividades e tradições, ainda que em constante atualizações, ao sonhar de um sujeito singular. Sobre esse articular do sonhar como algo que transcende o indivíduo, Paulo Freire nos faz lembrar:

O sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórica social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se (FREIRE, p 91).

Fazendo uma analogia ao significativo entendimento de que o caminho se faz no caminhar, o sonho se faz no sonhar, ou melhor, o sonho sonhado, desejado e buscado é impregnado de incitação e ânimo⁵. Nesses termos, o sonho se faz uma precisão, uma necessidade. Por esse precisar, o sonho ilumina e faz nascer a esperança, que é um sonho querido, desejado, mas já com a gratidão de se fazer presente, ainda que na sua condição de possibilidade.

A compreensão da importância do sonhar enquanto algo que anima, que dá alma ao ser humano, sobretudo apreendida por Paulo Freire, faz referência a ideia de práxis, uma vez que o sonhar só é possível na ação do sonhar que já se faz presente entre o desejar e o atuar no mundo. Para Gadamer (1989, p. 21), inclusive, “práxis indica o modo como vamos andando, bem ou mal, em todo o caso, que alguém de qualquer modo vai andando”. O sonhar não está apartado da realidade, mas ao contrário. O sonhar, ainda que possibilidade, já se faz presente porque abraça a realidade, ou seja, se manifesta no agir. O sonhar como metáfora do abraçar (VOLF, 2021) a realidade é o jogo do entre, é a práxis, pois o abraço não está localizado nem em um e nem no outro, mas em ambos, numa relação dialógica e dialética⁶.

Depreende-se daí uma ética do diálogo, pois esse “entre”, esse “abraço” é a própria dialógica do sonhar e a realidade. Portanto, não são campos opostos e separados, mesmo que diferentes se constituem na sua mutualidade, no abraço. O sonhar impregna a realidade no agir, transformando a realidade, assim como o sonhar vai se atualizando, se desfazendo sonho sonhado ao se fazer realidade para novamente sonhar...

A ideia de práxis no pensamento de Paulo Freire, portanto, além de se distanciar de um entendimento idealista no que diz respeito a dimensão onírica, não cai no apelo do ativismo vazio. Nesse abraço entre o sonhar e a realidade, as atualizações das possibilidades se fazem em mudanças e que se abrem para novas possibilidades.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não de pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.” (FREIRE, p. 91)

⁵ Não fazemos aqui as distinções precisas entre esses termos, como é comum na psicanálise, por exemplo. Não que discordemos das suas distinções, mas buscamos, bem ao estilo do Winnicott (sobretudo na obra *O Brincar e a Realidade*) e mesmo do Huizinga (fazendo referência ao livro *Homo Ludens*), compreender esses elementos constituidores no seu conjunto que inicialmente denominamos de dimensão onírica.

⁶ Há que se considerar essa relação entre dialógica e dialética em termos fora o usual e partindo de compreensões advindas por Gadamer, que concebe a dialética como movimento e transformação porque é dialógica. Esse entendimento parece ter convergência com o que Afonso Fonseca enxerga na obra de Paulo Freire. Só quando entendemos que a dialética é dialógica é que há compatibilidade entre o marxismo e a fenomenologia na obra de Paulo Freire, dirá Fonseca (2015).

Assim, portanto, o entendimento da dimensão onírica, ou seja, o sonhar, não está separado da realidade, mas antes envolvido nela, abraçado, numa práxis, numa dialógica. Remarca-se ainda o sonhar como possibilidade de vir a ser justamente porque é prenhe de força, de vitalidade.

ESPERANÇA

“Não há sonho sem esperança” porque há a força da possibilidade da realidade se atualizar, como um abraço, digamos, forte da e na vida. A obra Pedagoga da Esperança (FREIRE, 1992), em particular, procura entender o diálogo da esperança, o que é possível aprender com o senso esperança, logo os entendimentos da esperança e as compreensões que se desdobram nesse diálogo da esperança.

Como foi salientado acerca do sonho, que não se reduz a uma experiência encapsulada no indivíduo, a esperança não se dá pelo simples reconhecimento de necessidades individualistas. Certamente reconhecimento de necessidades, mas muito mais enquanto demanda do ser que imprime força para o “ser mais”. O ser mais, relevante entendimento freireano, aponta para a ideia da vida como realização, da vida como produtora de sentidos em relação a sujeitos em suas vivências singulares, mas também relacionado as condições históricas. Como nos inspira Caetano Veloso ao dizer que “gente é para brilhar”, Paulo Freire concebe o “ser mais” na perspectiva do ser humano como ser de possibilidades, de atualizações e realizações. Esse “ser mais”, contudo, pode ser obnubilado a depender das condições de vida, principalmente quando expostos a níveis crônicos de violência, conduzindo a opressão. Nessa situação o “ser menos” é ainda uma expressão de sentido, mas fraca, debilitada e definhada. A compreensão da vida nessas condições, o ato hermenêutico, não é suficiente para o exercício da esperança, que remente ao que Paulo Freire chamava de “esperançar”.

Contudo, nem mesmo a falta de esperança está condenada ao fatalismo, ou ainda, há uma esperança na falta de esperança. Esta reside no diálogo, na qualidade da relação Eu-Tu, diria Buber. O diálogo com o outro, fundamento para compreensão em termos gadameriano, é implicativo porque possibilita uma aproximação e abertura entre os parceiros da relação. O diálogo pode romper com o fatalismo e abrir caminho do “ser menos” para o “ser mais”, possibilitando que a esperança verdeje.

A esperança, nos diz Paulo Freire, não pode ser concebida como uma espera passiva, porque se assim for, cai numa relação autoritária-passiva, pois uma vez na espera passiva há sempre o outro lado autoritário à espreita. Importante, contudo, contextualizar essas condições historicamente construídas de espera passiva e autoritarismos ávidos dessa relação, pois não se dão de um modo aleatório.

A ruptura da espera passiva passa por aquilo que Fonseca (1998) chamava de “dialogicidade da esperança”, que é a necessária busca pelo outro, necessidade do encontro, inclusive consigo mesmo. Essa força e necessidade de encontro, presente inclusive em momentos de grande aflição e total abandono, guarda a dialogicidade da esperança.

No diálogo não há autoritarismo porque este é excludente, sempre exclui o outro. A compreensão da esperança, em termos hermenêuticos, poderíamos dizer que verdade

da esperança, porque dialógica, é sempre implicativa⁷, implica o outro. A esperança é também uma forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. E nessa forma de conhecer, o outro está incluso e daí a esperança é da ordem da partilha de permanente atualização do diálogo.

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito (FREIRE, 2005, p. 91).

O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo em nós e em nós que nos transformou (...) o diálogo possui uma grande proximidade como a amizade. Os amigos podem encontrar-se e construir aquela comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmo no outro. (GADAMER, 2007, p. 247).

A relação entre diálogo e “verdade”, ou ainda, a compreensão da esperança que produz uma verdade de si, do outro e do mundo, tem a ver com a chamada humildade socrática e sua força maiêutica. A humildade socrática, princípio da Filosofia Hermenêutica, assume que a verdade sempre está a se atualizar e que o outro pode ter razão. Esse princípio, por sua vez, se insere no entendimento que a atualização da verdade, ou melhor, da compreensão se dá no diálogo, e por via deste, como num parto, a “verdade nasce”, daí a força maiêutica. A verdade da esperança, que não pode ser a última verdade e que demanda constante atualização, não é autoritária. A conjugação da esperança, o esperar em termos freireano, tem como imperativo o sabe ouvir e se dá na dialogia da conversação. Não se impõe esperança a ninguém e nem ninguém se auto impõe. Ela nasce do e pelo diálogo.

O diálogo entre professor e alunos é certamente uma das formas mais primitivas de experiência de diálogo, e aqueles carismáticos do diálogo de que falamos acima - Jesus, Buda, Confúcio, Sócrates - são todos mestres e professores que ensinam seus discípulos ou alunos através do diálogo. Na situação de professor reside uma dificuldade peculiar em manter firme a capacidade para o diálogo, na qual a maioria sucumbe. Aquele que tem que ensinar acredita dever poder falar, e quanto mais consistente e articulado por sua fala, tanto mais imagina estar se comunicando com seus alunos. É o perigo da cátedra que todos nós conhecemos. (GADAMER, 2007, p. 248).

⁷ Sobre a pertinente relação entre o diálogo e a implicação do outro em contraponto com a relação autoritária, que é marcadamente excludente, vale a pena lançar investigações possíveis acerca das contribuições de Gadamer e Paulo Freire aos estudos ditos decoloniais.

UTOPIA

Do sonhar ao esperar há todo o atravessamento do diálogo, marcando limites à relação autoritária, mas acima de tudo sendo regenerativo em termos existenciais, em termos de “ser mais”. A esperança que vigora no diálogo, a compreensão da esperança, ganha dimensão de utopia porque abre horizontes para a atualização das possibilidades, para a regeneração de um modo coisificado, paralisado no fatalismo. Sobre essa força dialógica, Fonseca (1998, s/p.) nos diz:

Empobrecimento e fatalismo na condição humana começam a desenvolver-se quando esta latência do TU no ISSO – ou seja, latência da possibilidade da relação dialógica no mundo e na vida coisificados - começa a enfraquecer-se ou a extinguir-se. Quando sobre o mundo do Isso não paira, ou enfraquece-se, a possibilidade do Tu, da latência do Tu por sobre o mundo do Isso, como “quando o espírito pairava sobre as águas (Buber)”. Quando o mundo coisificado, o mundo do ISSO, ganha autonomia e absolutiza-se, quando o homem assim submetido ao poder das coisas e da vida coisificada perde a possibilidade da relação dialógica com a natureza, com o humano, com o misterioso. Na possibilidade do dialógico reside especificamente o poder humano de regeneração, de recriação e de ordenamento criativo do mundo das coisas.

Importante ainda frisar que o sonhar, o esperar, ou para “ser mais” preciso, o sentido de utopia para Paulo Freire não tem absolutamente nada a ver com uma crença irrefreável no progresso, no sentido decantado pelo Iluminismo, que via sempre no futuro e no seu avanço acelerado as respostas para todos os desafios humanos sem considerar muitas vezes a história (o passado) e os contextos (presentes).

A utopia para Paulo Freire não é, portanto, uma negação do passado com suas histórias e condições de vida que se fazem chegar no presente criando os contextos nos quais estamos inseridos. A utopia é entendida como um horizonte que se abre, um futuro, ainda enquanto possibilidade, mas num encontro onde o passado, sendo o acontecido, se atualiza no presente, que é o acontecer. O futuro sonhado, esperado e que não é uma idealização, nem tão pouco sintoma de niilismo, mas antes a utopia, é alegria de que o novo sempre vem.

A utopia para Paulo Freire é antes o se dar conta das situações limites, incluindo as barreiras e impedimentos. A utopia não é uma divagação, uma viagem delirante e ingênua, mas o contrário, pois está impregnada das realidades, inclusive o reconhecimento daquelas que oprimem, que condicionam ao “ser menos”, que obstaculizam a atualização do ser. Reconhecer, por exemplo, a condição de fatalismo é base para a utopia.

Nesse sentido, a utopia se dá nas ações do reconhecimento e confrontação das situações limites. Obviamente que não tem nada a ver com a rebeldia pela rebeldia ou a imaturidade egóica de achar que se vivi sozinho no mundo e sem responsabilidades ou mesmo que se vive sem as inevitáveis contingências da vida. A utopia se dá pela via das ações uma vez que se enreda para romper as barreiras que impedem o vir a ser do “ser mais”. Essas ações que esbarram nas situações limites são chamadas por Paulo Freire de “atos-limites”. Quando reconhecemos essas situações limites, quando agimos aí, decorre

o “percebido destacado”, ou seja, é quando nos damos conta das situações limites enquanto construções sociais, históricas e culturais opressoras.

Mais uma vez observamos a configuração do diálogo, agora no sentido de utopia porque o reconhecer das situações limites e o percebido destacado são, no limite, formas de compreensão. Lembrando que a compreensão se dá no e através do diálogo, compreender a situação limite é possibilidade do diálogo. E aí, por sua vez, decorre uma importante observação. O diálogo não significa passividade e aceitação resignada das situações e condições da vida. Há diálogo, inclusive, em pontos de vistas divergentes e há diálogo em denúncias acerca de situações opressoras. Nesses termos é que Paulo Freire vai, por exemplo, falar que a utopia implica em denúncia e um anúncio. As situações limites e a compreensão de percebido destacado, emergem do diálogo e justamente daí uma resposta indignada emerge ao passo que um novo se anuncia.

A utopia, embora não tenha um apelo diretamente prático, e sendo inalcançável, possibilita, na sua vivência autêntica, um caminhar que é próprio da vida, ou seja, a vida que segue seu fluxo à medida que nos entregamos a ela.

Ela está no horizonte. [...] Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar (GALEANO, 1994, s/p.).

AO FINAL, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Do sonho à esperança e desta à utopia. Entre uma passagem e outra há a configuração do universo do diálogo. Elementos do inefável, o sonho, a esperança e a utopia, se constituem ainda de outro inefável, o diálogo. É nessa costura que se encontram, ao menos neste ensaio, Paulo Freire, Afonso Fonseca e Hans-Georg Gadamer, sem valorar possíveis hierarquias entre esses pensadores, mais no gosto do próprio diálogo deste autor. Assim, portanto, é por esses autores que encontro o diálogo como configurador acerca dos três pontos aqui abordados, notadamente legados por Paulo Freire.

Embora sejam pontos voláteis e inefáveis, são fundamentais para a saúde da existência. O fatalismo, como vimos, indica um vazio desses elementos. O diálogo, configuração fundamental da existência, parece ser uma resposta para o que “revela-a-dor” à medida, por exemplo, que crianças e adolescentes não sabem mais falar (ou não são escutados?) dos seus sofrimentos e por isso cortam seus corpos ou quando pior, perdem a vontade de viver. Uma possibilidade de ruptura do fatalismo e resgate do diálogo, como primeiro passo para atualização do ser da esperança, do sonho e da utopia, é escutar esses jovens em suas existências. A escuta dá voz e “desvelando-a-dor” no “abraço”, abrindo para o universo e os desdobramentos do diálogo.

O fatalismo e o que vemos dessas situações de autolesão sem intenção de se matar, dentre tantas outras situações de violências desnecessárias, apontam para uma condição de opressão. Sermos incapazes de sonhar, perdermos a esperança e abandonarmos nossas utopias é um perigoso agravo em termos da nossa condição ontológica enquanto seres do diálogo. Nesses termos, “desvela-dor” porque nos mostra uma necessidade de sermos potentemente sonho, esperança e utopia, porque também de carne e osso e almados pelo diálogo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna.** São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUBER, Martin. **Eu e TU.** São Paulo: Centauro, 2009.

COSTA, Adelson Silva da; MARQUES, Maria da Conceição Nascimento; DIAS, Rosângela dos Santos da Silva; PORTELA, Isadora Santos. A experiência de jovens do ensino médio com educação científica no uso de tecnologias digitais durante a pandemia. **Congresso Movimentos Docentes. Ensino Híbrido e as Novas Perspectivas na Educação.** 2021.

FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. **Dialógica da Esperança. Dialogicidade, superação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-existencial.** Maceió: texto de 1998.

FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. Trabalhando o Legado de Rogers. **Sobre os Fundamentos Fenomenológico Existenciais.** PEDANG Centro de Estudos de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial Programa de Publicação, Maceió, Alagoas, 1998.

FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. Da abordagem fenomenológico existencial dialógica de Paulo Freire. Crítica, Empírica, Experimental, Estética e Poética. **Em Fenomenologia Gestaltificativa. Obras fragmentárias e incompletas.** [s.n.]. Maceió, 2015. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxla3Npc3RlbmNpYWVzY29sYXxneDoyNzUyMGYyNmQzMWNkYzA3>

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido,** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, André Luis Castro de; FREITAS, Luciane Albernaz de Araujo. Paulo Freire E A Educação Contemporânea: Tecendo Fios Por Entre A Fenomenologia. **VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE. Educação e Contemporaneidade.** Setembro 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Herança e Futuro da Europa.** Lisboa: Edições 70, 1989.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II.** Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes.** Rio de Janeiro, L & PM, 1994.

GIOVEDI, Valter Martins. A Inspiração Fenomenológica Na Concepção De Ensino-Aprendizagem de Paulo Freire. **Dissertação**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC / SP 2006

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia

IARED, Valéria Ghislotti; TULLIO, Ariane di; OLIVEIRA, Haydée Torres de; LOURENÇO, Silmara Silveira; MENDONÇA, Viviane Melo de. A fenomenologia existencial em Paulo Freire: possíveis diálogos. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.3, p. 530-547, set./dez. 2018 – ISSN 1984-9605

RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. Produzir para consumir e existências zumbis: críticas contemporâneas e reflexões sobre um projeto político fundado na compreensão de Paul Goodman sobre o aqui, agora e no que virá. **Revista IGT na Rede**, v.11, no 21, 2014. p. 334-344.

SANTOS, Maria de Jesus. A dialogicidade no pensamento de paulo freire e de hans georg gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. **Cadernos do PET Filosofia**, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014, p.01-11

TADDEI, Paulo Eduardo Dias e SANTOS, Magda Gisela Cruz dos A fundamentação teórica de Paulo Freire e a possibilidade de uma influência dominante. **Educação | Santa Maria | v. 43 | n. 2 | p. 301-312 | abr./jun. 2018**

VOLF, Miroslav. **Exclusão & Abraço: uma reflexão teológica sobre identidade alteridade e reconciliação**. São Paulo: Mundo Cristão, 2021.

VOLPATO, Lucas Boeira Michels Gildo. Marxismo e fenomenologia nos pensamentos de Paulo Freire. **Filosofia e Educação** (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 3, Número 1, abril de 2011 – setembro de 2011.

Submetido em Novembro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2022.

Autoria

MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO

Prof. do Colegiado de Psicologia - Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf / Prof. do Mestrado em Psicologia (Univasf) / Prof. do Mestrado em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE) / Membro do Núcleo de Estudos e Práticas Sobre Infâncias e Educação Infantil – NUPIE

<http://nucleonupie.blogspot.com.br>

Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Representação Social – GEPPE- RS / Editor responsável da Revista de Educação do Vale do São Francisco – REVASF <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/index>

E-mail: mribeiro27@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1196-7383>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8566377803271737>